



## MATERIALIZAR-SE PARA DISPUTAR TERRITÓRIO: A CRIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO PARA PROFESSORES/AS DE ARTE NA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

### MATERIALIZING TO COMPETE FOR TERRITORY: THE CREATION OF EDUCATIONAL MATERIALS FOR ART TEACHERS IN THE MUNICIPAL EDUCATION DEPARTMENT OF RIO DE JANEIRO

Arthur Batista Cordeiro<sup>1</sup>  
Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

Caroline da Silva Barbosa<sup>2</sup>  
Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

#### RESUMO

O presente relato de experiência aborda o processo vivido durante a elaboração de material didático dos componentes curriculares Artes Cênicas, Artes Visuais e Música na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Apresenta a complexidade do processo, partindo da idealização até a materialização de um produto que ficasse de acordo com as diferentes atuações em Arte na Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro (SMERJ) e dialogasse com a política pública da gestão, considerando orçamento, tempo e outros possíveis impasses. O texto tem como objetivo principal produzir reflexões acerca da necessidade de ocupar espaços na gestão pública para que, dessa forma, sejam pensadas ações a favor do ensino de Arte na educação básica. Apresenta como metodologia de pesquisa a experiência vivida em diálogo com análise documental e estudo de referências bibliográficas, como a Base Nacional Comum Curricular e autores da pedagogia e das artes, como Viola Spolin (2008), uma das principais referências para a produção do material e Ana Mae Barbosa (2008), que é referência na composição dos currículos da Rede com a sua Proposta Triangular. Como resultado, apresentamos o material didático que teve todas as suas páginas elaboradas por e para os/as professores/as de Arte da Rede; os desafios de pensar a distribuição dele em uma Rede com mais de mil escolas; e as problematizações que surgiram a partir desta entrega, ocorrida no primeiro semestre de 2024. Trazemos como conclusão a necessidade de aprofundamento a respeito da relação produzida entre quem organiza a produção de um material didático e quem o utiliza no chão da escola pública.

---

<sup>1</sup> Arte/educador licenciado pela UERJ, com especialização no Ensino de Artes e Mestrado na Educação Básica pelo Colégio Pedro II. Com mais de uma década de experiência entre as redes Municipais, Estadual e Federal, atuou como docente, coordenador, implementador e coordenador pedagógico de área em todos os segmentos da Ed. Básica. <http://lattes.cnpq.br/8181749893688420>

<sup>2</sup> Professora de Artes Cênicas na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e de Arte na Secretaria Municipal de Educação de Saquarema. Doutoranda em Educação no Programa de Pós Graduação em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, PPGEDU/UERJ. Mestre e licenciada em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, PPGEAC/UNIRIO. <http://lattes.cnpq.br/7230903924642753>



**Palavras-Chave:** Material didático. Ensino de Arte. Política pública. Escola pública. Pedagogia do teatro. Arte-educação.

## ABSTRACT

This experience report addresses the process involved in developing teacher's resource books for the curriculum subjects of Performing Arts, Visual Arts, and Music at the Municipal Education Department of Rio de Janeiro. It highlights the complexity of the process, from the initial concept to the realization of a product that aligns with the various practices in Arts at the Municipal Education Department of Rio de Janeiro and engages with the ongoing education policy, considering budget, time, and other potential obstacles. The main objective of the text is to reflect on the need to take up space in public administration, so that actions can be devised to support Arts education in basic education. The methodology used in this research includes lived experience in dialogue with document analysis and a review of bibliographic references, such as the Brazilian National Common Core Curriculum and authors in pedagogy and the arts, like Viola Spolin (2008), who is a key reference in course materials production, and Ana Mae Barbosa (2008), known for her Triangular Proposal in curriculum design. As a result, we present the books, all of which were developed by and for the Art teachers of Rio de Janeiro Municipal System of Education; the challenges of distributing these materials in a system of over a thousand schools; and the issues that arose from this delivery, which took place in the first semester of 2024. We conclude by emphasizing the need for a deeper understanding of the relationship between those who organize the production of didactic materials and those who utilize them in public schools.

**Keywords:** Educational materials. Arts education. Public policy. Public school. Theatre pedagogy. Art education.

## INTRODUÇÃO

Antes de iniciarmos a discussão objetiva deste artigo, como bons artesãos e atores, é preciso preparar a tela de pintura e apresentar o cenário em que estamos inseridos. Nosso relato de experiência parte do campo de atuação do ensino de Arte na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SMERJ), que conta com mais de 1.500 escolas<sup>3</sup>, subdivididas em onze Coordenadorias Regionais de Ensino (CRE), num território de aproximadamente 1.200 km e com pouco mais de 1.600 professores de Arte<sup>4</sup> para atender estudantes do 1º ao 9º ano. Dentro deste cenário, a Rede opta

<sup>3</sup> Para acessar os dados da SMERJ, sugerimos o site DATA.RIO. Disponível em [https://www.data.rio/datasets/0a220ea7972449e39a28210dd317f636\\_1/about](https://www.data.rio/datasets/0a220ea7972449e39a28210dd317f636_1/about) Acesso em: 11/09/2024.

<sup>4</sup> Cabe ressaltar que no presente texto utilizaremos os termos *Material de Arte* ou *Professores de Arte* para referenciar o grupo de educadores dos três componentes. Faremos isso para dinamizar a escrita e não para acordar com a ideia de polivalência desses profissionais, haja visto que a própria rede não atua com essa prática que ocorre em tantos outros espaços de ensino de arte na Educação Básica.



por uma divisão curricular específica para cada um dos componentes dessa área, diferente da atual Base Nacional Comum Curricular, que nos subdivide em Unidades Temáticas. Nesse sentido, o ensino de Arte na SMERJ estrutura-se com currículos diferentes às Artes Cênicas, Artes Visuais e Música e, assim, somando ao seu corpo de trabalho aproximadamente 150, 900 e 200 professores regentes para cada uma dessas respectivas disciplinas, constitui seu fazer artístico nas escolas cariocas.

Seguindo nossa encolagem, cabe ressaltar a política pública de material didático da SMERJ: o Material Rioeduca. Iniciado em 2010 como apostila de alguns componentes curriculares que eram entregues de forma impressa aos estudantes da Rede, atualmente ele se tornou um livro com duas versões: material do aluno e material do professor. Na primeira, cada aluno recebe um livro impresso contendo cerca de 30 páginas de textos e exercícios dos componentes língua portuguesa, matemática, ciências, geografia, história e língua estrangeira por semestre<sup>5</sup>. Já os professores desses mesmos componentes, têm acesso ao seu material através do site da Multirio (Empresa Municipal de Mídias, vinculada à Secretaria Municipal de Educação), contendo cerca de 25 páginas de sugestões metodológicas para seu planejamento por semestre.

Com entrada de todos esses dados na arena é possível observar que no espaço cênico dessa política pública de material didático não existia, até 2023, a encenação de nenhuma das artes. Mesmo que a Rede conte com profissionais especialistas de cada uma das áreas, não se entregava material de Arte – nem para o estudante, nem para o professor até o início de 2024. Eles estavam de fora. É neste ponto que iniciamos a narrativa da experiência de dois professores da Rede que em 2022/2023 começaram a atuar na Subsecretaria de Ensino (SUBE), mais especificamente na Coordenadoria de Ensino Fundamental (CEF), que é responsável pela implementação curricular e tem a produção do material didático da Rede como uma das ações diretas para que essa implementação aconteça. Tendo formação em Artes Cênicas e Artes Visuais começamos a buscar espaços onde fosse possível pensar a implementação de um material didático específico para o nosso campo como

<sup>5</sup> Para conferir os materiais do aluno, sugerimos acessar o site da Multirio: <https://multirio.rio.rj.gov.br/materialrioeduca/>



possibilidade de afirmação do nosso lugar na formação dos estudantes e na atuação dos professores cariocas que têm diferentes formações.

## INSPIRAÇÕES

Ao perceber algumas ausências relativas à possibilidade de ocupar espaço com as Artes Cênicas, Artes Visuais e Música nas escolas municipais, que entendemos serem consequência de inúmeros fatores políticos, éticos e estéticos há anos vivenciados na constituição da Arte como um legítimo campo do saber em âmbito municipal, estadual e federal, buscamos entender de que modo poderíamos inserir os nossos componentes no roteiro já existente da produção de material didático dos outros componentes curriculares da SMERJ. Ou seja, seguindo a concepção de Michel de Certeau (2014), buscamos a materialização de propostas didáticas para professores da Rede a partir de um material físico como uma das “táticas” possíveis para afirmar o nosso território na Rede Municipal de Ensino e, assim, contribuir de alguma forma para a legitimação das práticas dos nossos componentes curriculares.

Michel de Certeau (2014) afirma que a tática “opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende [...]. Este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante” (CERTEAU, 2014, p. 95). Entendemos, portanto, o nosso fazer como “tático” por estarmos inseridos no contexto da gestão pública da Secretaria Municipal de Educação, pensando e representando docentes de Arte e seus fazeres cotidianos a partir dos currículos e (por que não?) da materialização de um material didático elaborado pela própria Rede, que tem seus cargos específicos para as Artes Cênicas, Artes Visuais e Música e que, portanto, necessita de materiais próprios voltados para o fazer específico de cada um.

Para efetivar essa prática e nos munirmos de argumentos para a aprovação deste material, buscamos também inspirações em Miguel Arroyo, que entende o currículo como um território em disputa: “na construção espacial do sistema escolar, o currículo é o núcleo e o espaço central mais estruturante da escola. Por causa disso, é o território mais cercado, mais normatizado. Mas também o mais politizado, inovado,



ressignificado”. (ARROYO, 2023, p. 13). Partindo dessa concepção, acreditamos que seria possível ressignificar o cenário pré-estabelecido da Arte na SMERJ, visto que encontramos espaço para ocupar com inovações nesse sentido. Além disso, argumentamos a falta de sentido em não haver a materialização de uma proposta didática para professores da Rede através de um material, já que já tínhamos um currículo de referência.

Ocupando ainda esse espaço de articulação na SUBE, buscamos as justificativas que levavam a Rede a não ter um material que efetivasse a implementação do currículo municipal e descobrimos algumas delas:

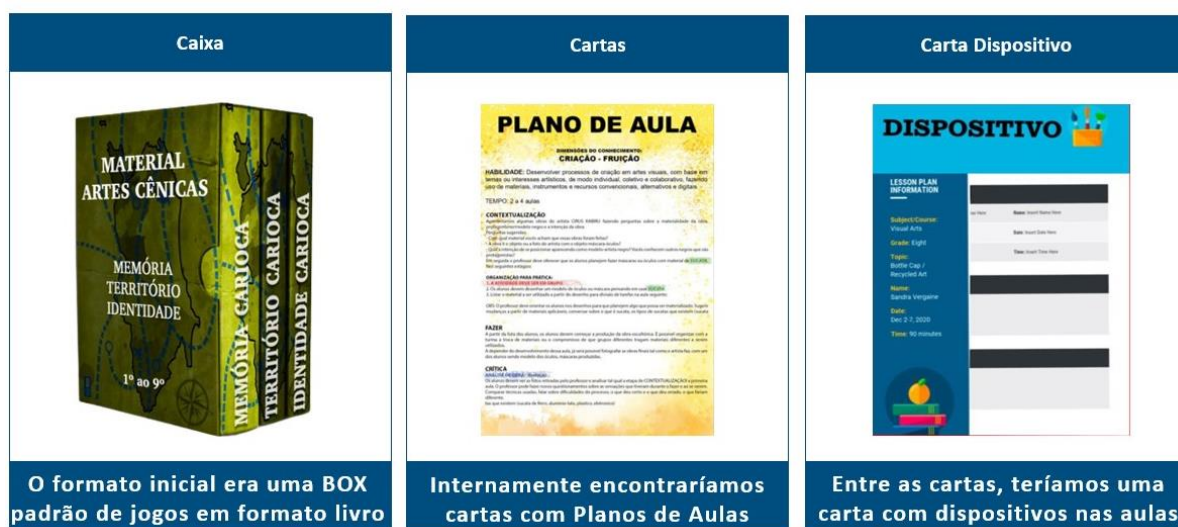
- Diversidade de formação dos docentes: atualmente, a SMERJ tem os cargos de Artes Cênicas (que na SME é mais voltado para o ensino do teatro, apesar do campo das Artes Cênicas englobar outros fazeres, como a dança e o circo), Artes Visuais e Música. Nesse sentido, um dos impasses apresentado para a produção de um material didático específico para Arte na SMERJ seria a dificuldade de produzir e dinamizar um material que abarcasse a diversidade de formações de professores de Arte;
- Divisão do currículo em ciclos: o atual documento curricular divide as etapas do saber em três ciclos: 1º ao 3º ano; 4º ao 6º ano; e 7º ao 9º ano. A justificativa para essa implementação se dá pela complexidade da formação dos docentes da SMERJ, visto que, no 1º ano o mesmo estudante pode ter aula de Artes Cênicas e no 2º, com outro professor, aula de Artes Visuais. Assim, dividindo em ciclos, acredita-se ser possível abarcar as diferentes artes sem comprometer o aprendizado em Arte, entendendo-o como não linear e diferente em cada contexto escolar, por ser de acordo com a formação do professor. Porém, ao pensar em uma materialização para esses professores e seus alunos, apresentava-se o impasse: seriam feitos materiais para todas as artes e distribuídos para todas as escolas da rede? Como seria essa dinâmica em termos de logística e orçamento, visto que temos aproximadamente 1500 escolas e apenas aproximadamente 1600 professores distribuídos pelas regionais com formações diferenciadas?



## PRODUÇÃO

Encontramos o livro “Jogos Teatrais” de Viola Spolin (2008), que apresenta na forma de um fichário uma metodologia estruturada com indicações importantes para o jogo, como o Foco, a Instrução e a Avaliação: “cada jogo é apresentado por uma ficha em formato semelhante a uma receita, de forma que possa ser lida e entendida com facilidade” (SPOLIN, 2008, p. 22). Buscando essa facilidade no acesso a propostas pedagógicas dinâmicas voltadas diretamente para a formação do professor em diálogo com o currículo da SMERJ, começamos a elaborar a proposta de um material voltado diretamente para os professores de Arte da Rede, com indicação de aulas que pudessem ser lidas como uma receita, partindo das habilidades do Currículo Carioca e facilitando sua prática a partir da especificidade de sua área. Desse modo, entendemos que conseguiríamos nos encaixar em um formato de material já produzido na Rede e também dialogar com os professores espalhados pela cidade do Rio de Janeiro que nunca tiveram acesso a um material produzido pela SMERJ.

Figura 1. Proposta inicial de material



O formato inicial era uma BOX padrão de jogos em formato livro

Internamente encontraríamos cartas com Planos de Aulas

Entre as cartas, teríamos uma carta com dispositivos nas aulas

Fonte: Arquivo pessoal



Porém, a produção de um material específico para cada Arte ainda se apresentava complexa e parecia não se encaixar na estrutura já estabelecida de outros componentes curriculares, que, com menos dificuldade, se dividiam em material de professor e aluno, com atividades específicas, partindo de habilidades determinadas no currículo da Rede. Já nós, estávamos propondo uma caixa box, com temas específicos (memória, território e identidade), com fichas organizadas na ordem que o professor desejasse dinamizar e voltado especificamente para o professor. Essa proposta parecia mais custosa e fugira do padrão da Rede. Então, decidimos taticamente pensar de que forma poderíamos nos moldar em um formato que seguisse a organização já estabelecida do Material Rioeduca, mas que também considerasse as nossas especificidades.

Para isso, então, decidimos por uma organização metodológica que pudesse guiar todas as sequências didáticas conforme a área, de forma a organizá-las em um caderno único para os três componentes. Esse caderno chegaria diretamente para o professor de Arte em sua escola. Utilizamos a Abordagem Triangular (BARBOSA, 2008) para orientar a divisão das etapas de cada uma das sequências didáticas, de modo que cada etapa curricular - página de abertura de capítulo - fosse uma espécie de índice remissivo. Chamamos essa página de Página Dispositivo.

Como nos explica a própria carta introdutória que produzimos para o material:

[...] Os dispositivos [...] propõem mudanças que podem ser adotadas em partes das atividades, conforme o desejo dos professores e a necessidades de adaptação para as turmas. As mudanças sugeridas pelos dispositivos também podem ajudar em caso de falta de materiais ou de estruturas específicas em uma Unidade Escolar. Desta forma, quando o docente utilizar um dispositivo diferente, a aula continuará alinhada às habilidades, mas a vivência ganhará novos contornos e novas formas de acontecer. Abaixo, um exemplo de como podem acontecer essas alterações de dispositivos.

“A organização da atividade deve ser **EM GRUPO**. Após a divisão, os alunos recebem um modelo de óculos do artista e devem refazê-lo utilizando **SUCATA**. Após a realização das atividades, a turma deve organizar uma **RODA DE CONVERSA** para debater sobre suas produções.”

“A organização da atividade deve ser **INDIVIDUAL**. Após a divisão, os alunos recebem um modelo de óculos do artista e devem refazê-lo utilizando **SUCATA**. Após a realização das atividades, a turma deve organizar uma **RODA DE CONVERSA** para debater sobre suas produções.”

É possível observar que as principais ações da atividade são mantidas e que as alterações conduzem a uma nova perspectiva de ensinar a mesma habilidade, abrindo possibilidades de adaptar a aula de acordo com os diferentes contextos e realidades, bem como de utilizar a mesma atividade. Dessa forma, ao atender turmas de anos de escolaridade diferentes de um



mesmo ciclo, um docente poderá orientar-se por objetivos, adaptações à faixa etária e avaliações distintas, mesmo trabalhando uma mesma habilidade.<sup>6</sup>

Figura 2. Material após alterações



Fonte: Arquivo pessoal.

Por fim, entendemos que era mais importante ocupar e conquistar espaço dentro da política pública de implementação curricular do que persistir na ideia inicial. O que fora um jogo de cartas em formato de fichário se tornou um livro com um índice remissivo para que fosse viabilizada uma possível conquista de território de Arte na rede. Consideramos, portanto, que os ajustes necessários para o contexto em que estávamos poderíamos ainda favorecer os nossos campos de atuação, mesmo que não fosse o nosso projeto ideal.

Após a aprovação e adequação orçamentária, finalmente, no segundo semestre de 2023 conseguimos iniciar a confecção do projeto. O desafio posto era entregar em no máximo quatro meses dois materiais: um deles contendo os três componentes de Arte e outro de Educação Física, que, por também não ter material, acabou sendo inserido nesse contexto de produção. Dessa forma, garantiríamos que o ano letivo de 2024 iniciaria com todos esses professores recebendo seus impressos.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://multirio.rio.rj.gov.br/materialrioeduca/>. Acessado em 15/08/2024.



Cabe ressaltar algumas tecnicidades desse processo que atende não só a questões acadêmicas de cada área, mas também ao processo da competência da estrutura de uma grande editora. Basicamente as etapas são:

- 1) Etapa criativa: elaboração, revisão técnica especializada, revisão da elaboração, última revisão técnica da equipe CEF;
- 2) Etapa gráfica: revisão ortográfica, diagramação de texto e imagens, inserção de links externos e conferência de documentação, revisão de *plotter* em preto e branco 1 e 2, revisão de *plotter* colorida 3 e 4 e impressão;
- 3) Distribuição: organização de quantitativo por regional, organização de distribuição por escola, circular para o uso do material.

Para evitar que o material didático estivesse desconectado do fazer dos professores e alunos da SMERJ, buscamos convocar os professores interessados em compartilhar seus saberes para essa produção. Esse objetivo buscava ir contra a constatação de que:

[...] os currículos e os livros didáticos são pensados como espaços de saberes, de conhecimentos e de concepções descolados de vivências da concretude social e política. Sobretudo, descolados dos sujeitos humanos produtores dessas vivências sociais e dos conhecimentos (ARROYO, 2023, p. 76/77).

Para isso, fizemos uma chamada pública destinada aos professores da Rede que gostariam de participar dessa iniciativa. Foi disponibilizado a eles, através de link oficial enviado para as CREs, um formulário de cadastro de interesse e, a partir dele, a equipe interna fez uma análise curricular (priorizando quem já tinha experiência em elaboração e nível de formação acadêmica) e, por fim, realizamos quatro formações sobre a proposta geral do material. Os temas das formações foram: Conhecendo a Estrutura do Material, Relações Étnicas Raciais na Elaboração, Elaboração com Inclusão e Ferramentas Digitais para Elaboração. Tendo como um dos critérios para se tornar elaborador a presença em todos esses encontros online após o expediente, foram selecionados inicialmente 18 elaboradores e 9 revisores técnicos para todo Material de Arte.



## MATERIALIZAÇÃO

Após todas as adaptações das ideias para que o projeto se adequasse a dinâmica dos professores na Rede e a política pública de implementação curricular, o projeto se tornou o Material Rioeduca de Arte para o professor da Rede Municipal do Rio de Janeiro e foi entregue diretamente para cada professor em sua escola de origem. Dentro do material inserimos os três componentes curriculares de Arte com o objetivo de facilitar a distribuição nas 11 CREs. No design do material apresentamos cada Arte com a borda de uma cor diferente, a fim de facilitar visualmente o professor a encontrar o seu componente. O material segue a estrutura do Currículo Carioca, sendo assim, subdivide-se em três ciclos e indica as habilidades e os objetivos de aprendizagem inseridas neste documento. Além disso, cada página corresponde a uma sequência didática e tem indicação do tempo de duração das aulas, que podem variar de duas a seis.

Como citado anteriormente, com o objetivo de apresentar um material dinâmico, que pudesse ser aproveitado em aulas diferentes com indicações diferenciadas, para cada componente curricular há a sugestão de variados tipos de materiais, organização e análise. Assim, uma mesma aula pode ser aproveitada de outras formas em outros momentos, ampliando as possibilidades de utilização do material. A ficha de cada componente tem indicações fixas para facilitar a leitura e o planejamento do professor. Dessa forma, em Artes Visuais, o professor encontrará nas fichas os seguintes tópicos: contextualização; fazer e crítica. Já em Artes Cênicas, encontrará: indicações prévias; sensibilização; experimentação/fruição; reflexão. Música apresenta os seguintes tópicos: contextualização; desenvolvimento; avaliação. Todos esses tópicos partem dos estudos e dialogam com as dimensões do conhecimento da Base Nacional Comum Curricular em conversa com a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa (2018), com o objetivo de apreciar, contextualizar e fazer Arte.

Ainda que o tempo para a produção de material não tenha sido suficiente para que fosse possível fazer alguns ajustes específicos, interpretamos que, para um passo inicial de inserção de um material para a Rede, foi possível elaborar uma proposta



partindo de um modelo já existente para outros componentes curriculares sem perder um pouco da maleabilidade e dinamização que a Arte nos provoca a desenvolver.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do mês de junho de 2024, com o material finalmente diagramado, ele foi publicado online no site da Multirio para acesso de todos os professores da Rede. A sua distribuição se iniciou no mês seguinte para que os professores de Arte tivessem em mãos também a publicação no formato impresso. E, após esse percurso de mais de um ano que foi da concepção à distribuição, trazemos algumas reflexões a respeito.

A primeira delas é sobre como os professores receberam o material. Observamos por comentários em redes sociais e comentários entre pares durante alguns encontros que parte dos docentes não sabia que o material Rioeduca era feito por professores da própria Rede. Existe uma doxa de que o material é comprado de uma fundação qualquer e/ou elaborado por pessoas que estão fora de sala de aula. O que, em nosso caso, não é verdade nenhuma delas. Ainda que em nosso material exista uma carta de introdução que deixe por escrito o nome dos professores elaboradores e o modo como foi realizado o processo de elaboração, acreditamos que, pelo tamanho da Rede e pelas demandas próprias do cotidiano escolar, aconteçam falhas na comunicação geral.

Outro ponto é que percebemos a importância de estarmos presentes nesses espaços de articulação. Na SMERJ, estamos lotados na Coordenadoria de Ensino Fundamental (CEF) e atendemos a demandas técnicas da função administrativa do setor. Assim, os profissionais que ocupam esse espaço devem basicamente garantir a implementação curricular (as atribuições do setor são publicadas em D.O. no decreto 52.708 de junho de 2023). Ou seja, tais atribuições não incluem “criar material didático”. Esse, portanto, é um viés que foi colocado por nós na leitura do decreto. Como aponta Grisa (2010) é na estrutura interna do sistema institucional que é determinado o que pode ser matéria de política pública. Posto isso, percebemos que estar presentes nesse espaço é fundamental para que nossos componentes sejam contemplados com direcionamento de alguma política pública.



Por fim, reconhecemos que o material apresentado não é o que idealizamos. Foram necessárias mudanças na ideia inicial para que ele pudesse acontecer. Tal qual um escultor que lida com a resistência inerente à matéria base para realizar a sua obra, sendo necessário o equilíbrio entre escolha de ferramentas específicas (uma goiva, um martelo, um torno...) sobre a materialidade (madeira, ferro, argila), a nós coube a mesma tarefa. Esculpimos a ideia do nosso Material de Artes com as ferramentas que tínhamos em mãos (ocupando espaços, refugio de contrato, implementando o currículo) lidando com a materialidade que nos foi oferecida – o Material Rioeduca.

## REFERENCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. Currículo, território em disputa. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BARBOSA, Ana Mae (org.). Ensino da arte: memória e história. SP: Perspectiva, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer. 21ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GRISA, C. Diferentes olhares na análise de políticas públicas: considerações sobre o papel do Estado, das instituições, das ideias e dos atores sociais.

SPOLIN, Viola. Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin. São Paulo: Perspectiva, 2008.